

Título	Uma coisa linda	Autor	Clarissa Diniz
Data	2023	Artista	Efrain Almeida
Publicação	ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. <i>Efrain Almeida: uma coisa linda</i> . BZ Soluções criativas.		

Clarissa Diniz

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida

Na última década, as conhecidas esculturas de madeira de Efrain Almeida se metamorfosearam. No enalço da capacidade de transformação de alguns dos protagonistas de sua obra, como as mariposas, as peças outrora quase que exclusivamente de umburana tornaram-se também de bronze, multiplicaram-se, incorporaram as cores do arco-íris, converteram-se em pinturas.

Essa metamorfose é o que persegue este livro, articulando uma farta documentação fotográfica das obras e de seus processos de criação ao ensaio inédito *Chagas abertas e belezas impossíveis*, de Moacir dos Anjos, no qual o autor percorre o caminho social, técnico e poético que, num contínuo ir e vir, tem conduzido Efrain da sala de milagres ao museu, da escultura à aquarela, da mimese à miração.

As transfigurações de Efrain Almeida não são da ordem do espetáculo. Acontecem pouco a pouco, silenciosamente, numa discrição que habita a fé e o desejo: forças votivas que, desde suas primeiras investigações, têm interessado estética e politicamente ao artista de origem cearense.

É desde sua infância que ele tem a memória de adentrar um dos mais surpreendentes e mágicos espaços das igrejas católicas brasileiras: a sala dos milagres. Recoberta por sintéticas esculturas e pequenas pinturas que clamam e agradecem por curas de todos os tipos, o lugar é um vórtice de tempos, anseios e gentes.

Quase sempre recortadas da totalidade de seus corpos de referência, pernas, mãos, olhos, costas, joelhos e tantas partes adoecidas (e, por isso, desejosas por cura) coabitam as salas que se espalham Brasil afora. Reunidas sabe-se lá desde quando, fundam uma atmosfera imemorial que, paradoxalmente, foi talhada como testemunho da fé e do desejo inscritos nos corpos de milhares.

Além de dar um nó no tempo, misturando passados de distâncias variadas a um onipresente, espectral e constantemente atualizado futuro de saúde e de felicidade – invocado a cada presença, reza, vela e ex-voto –, as salas dos milagres produzem a fantástica sensação da multidão. A inexata, porém inconfundível, percepção de sermos tão radicalmente individualizados quanto incontornavelmente coletivos.

Sem que seja possível restringir a um único tempo, a um indivíduo ou a um anseio específico o vórtice milagroso desses espaços de fé, é sobremaneira a força votiva que se impõe como vetor abundantemente coletivo. É ela que não cessa de se mover e se renovar mesmo que, ali, tudo possa parecer estático, congelado na forma de promessas traduzidas nas linhas e nos planos de ex-votos feitos de materiais corriqueiros como a madeira ou a cera.

Tradicionalmente reduzidas em suas escalas, essas peças têm sido formalmente sintéticas, representando corpos e chagas com traços, talhas e cortes simples e precisos que, estética e politicamente, enfatizam seu contraste diante

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida

da verborrágica pujança barroca que usualmente perfaz os altares, abóbadas ou imagens sacras das igrejas nas quais se localizam, a exemplo do que acontece na Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador, na Bahia.

O aspecto abreviado da economia expressiva dos ex-votos tensiona, portanto, a própria colonialidade do país, cuja desigualdade advinda da exploração racial, social e de gênero produziu abismos diferenciais que, ainda que devam ser ultrapassados, precisam ser sublinhados para que não sejam historicamente apagados.

Por isso, contrapor a emblemática síntese dos ex-votos à estatuária e pintura barrocas é disputar, no âmbito da própria igreja e por meio da distinção dos espaços sociais da sala dos milagres e, por exemplo, o do altar, também as arquiteturas da exclusão que reproduzem o racismo. Espacialidades políticas que, na esteira da proibição dos corpos negros no interior das igrejas que vigorou por séculos à perversidade arquitetônica das casas-grandes e senzalas, seguem produzindo “quartinhos de empregada” ou “entradas de serviço”. Trauma que levou Jorge Aragão a compor, no icônico pagode *Identidade* (1992), o verso “elevador é quase um templo / exemplo pra minar teu sono / sai desse compromisso / não vai no de serviço / se o social tem dono, não vai”.

Posto que o “elevador é quase um templo”, é justamente a dimensão racial, social e política que se escancara nas salas dos milagres e nos ritos de fé. O ex-voto, evidência de uma doença tão física quanto espiritual e social, é também o índice histórico das muitas fraturas que conformam o Brasil. É, por outro lado, a inegável marca das lutas pela transformação desse panorama, lastreado em corpos e chagas singulares, bem como no impacto visual e emocional que é percebê-los em conjunto, tomados como sintoma do adoecimento programático do país e de seus povos, tal como projetado por suas parasitárias elites.

O contraste estético e político entre a narrativa triunfalista dos agigantados altares banhados a ouro e tinta e as salas dos milagres tradicionalmente cravadas na pequenez e na crueza da cor e da matéria se renova, hoje, na contínua transformação desses espaços votivos, agora tomados não só por esculturas ou pinturas, como também por um mar de objetos, fotografias e fitinhas de cores fosforescentes.

Assim, enquanto o patrimonializado interior das igrejas costumeiramente se cristaliza, o espaço dos ex-votos se prolifera, tornando-se cada vez mais cheio e múltiplo, incorporando novos desejos, urgências e formas de fé. A metamorfose implicada nas salas dos milagres é, portanto, parte da própria luta política, racial e social que se dá no seio das religiosidades do Brasil.

O direito à transformação é, mais adiante, a continuidade dos movimentos espirituais que nunca deixaram de se dar em meio à atmosfera supostamente inerte desses ambientes de juramentos e esperanças imemoriais. Ainda que as

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida

perspectivas estetizantes, etnográficas, patrimonialistas ou turísticas da branquitude por vezes enxerguem as salas de milagres como “vestígios” de uma cultura e de uma religiosidade “populares” cuja “autenticidade” estaria em extinção porque observam somente a tradicional visualidade dos ex-votos, a obra de Efrain Almeida chama atenção ao fato de que esses espaços-tempo não podem ser compreendidos apenas desde o regime ocularcentrista. Ao contrário, junto ao que se dá a ver nas salas dos milagres, são principalmente as presenças invisíveis que, em suas mensagens, vozes e encantamentos, dão sentido ancestral – permanentemente reinscrito e recriado – a esses lugares, práticas, corpos e memórias votivas.

Na contramão da folclorização dócil e estetizante do catolicismo e da religiosidade política do povo, ao evocar e exercitar as formas e as práticas de fé e de desejo perseguidas no âmbito do milagre, Almeida não está reiterando sua objetificação museal, senão ativando sua mágica e política força de profecia e de transmutação no âmbito do museu e seus elevadores – ambos, como lembra Aragão, quase templos.

Assim é que, desde a virada para os anos 1990, ao habitar o embranquecido e branqueador campo das artes visuais brasileiras com suas esculturas e autorretratos de umburana, é pela cor mesma da madeira, pelas escolhas identitárias de sua figuração e pela filiação à tradição afroindígena dos ex-votos que Efrain Almeida tem, como numa reza, racializado sua própria presença neste mundo.

Num paralelo histórico e espiritual, enquanto a sala dos milagres coloca o altar em perspectiva crítica, também a obra de Efrain Almeida nos faz reelaborar – social, histórica, racial e esteticamente – as demais esculturas que desfilam suas brancas monumentalidades de mármore e narrativas triunfalistas por entre os corredores dos museus.

Em que pese que sua obra tenha por vezes sido tomada como vestígio resistente de uma tradição interpretada como estando em desuso por não ser compreendida desde suas transformações, uma visada menos nostálgica e fetichista dos ex-votos poderá conduzir-nos a outra leitura do trabalho de Almeida.

Nessa direção, posto que estamos diante de um artista “mestiço” – tal como se autodeterminam seus recentes autorretratos, tão negros quanto indígenas – que começou a construir sua trajetória em fins dos anos 1980, no âmbito da elitista Escola de Artes Visuais do Parque Lage, o que significa, para Efrain, produzir um par de rins (1988) à semelhança de ex-votos como uma de suas primeiras obras? O que se move quando um artista não branco, nordestino e gay entrega votivamente “seus” rins, as glândulas responsáveis pela filtragem do sangue, ao sudestino e branco mundo das artes?

Hoje, quase quarenta anos depois, temas como branqueamento racial, higienismo social, racismo estrutural, homofobia, dentre outros, têm sido denominados

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida



Boy (Hat), 2002

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida

como tal, com os devidos pingos nos is. Nas décadas de 1980 e 1990, contudo, interesses e urgências como essas foram mais performados do que enunciados, mais praticados do que ditos, eminentemente praguejados do que denunciados.

Nesse contexto, os ex-votos de Efrain Almeida exerceram sua força política e espiritual, mediando violências, traumas e adoecimentos na forma de obras de arte que, por sua vez, evocavam curas enquanto, mimetizadas em ex-votos, abriam passagem por entre as barreiras raciais e estéticas do fundamentalismo artístico branco-brasileiro¹.

É patente que estamos diante de uma trajetória que, desde seu princípio, está às voltas não só com a agência – inclusive espiritual – das obras de arte, como também com estratégias e políticas de passabilidade. É o que revela a instalação *Boy (Hat)* (2002), na qual um conjunto de doze bonés individualmente confeccionados pelo artista camuflam coroas de espinhos neles bordados, elaborando uma dolorosa imagem do estigma, do apagamento e do silenciamento das dissidências de gênero.

Além de bonés, na obra de Almeida, são vários os signos que, como camisetas ou vestidos, circunscrevem um território político que tematiza aparências e marcadores sociais, contrastando-os com a persistente imagem do corpo nu do artista e sua enorme atenção à pele, suas cores e sinais.

Desse modo, tomando como portas de entrada a afeição folclorizante da arte brasileira (*sic*) em seu interesse pelo “popular” e – especialmente a partir dos anos 1990 – sua abertura ao íntimo e ao confessional, Efrain Almeida tem nos ofertado uma obra que, junto às suas visadas acerca do “catolicismo popular” e sua dimensão biográfica, nos possibilita refletir criticamente sobre seus próprios métodos de passagem, inscrição e afirmação por entre o hegemônico campo artístico do Brasil, historicamente excludente para sujeitos, corpos e ancestralidades como os do artista.

Desde a perspectiva da passabilidade como uma de suas preocupações vertebrais, temos que as incontáveis operações de mimese e de camuflagem que habitam sua obra não são apenas gestos estéticos oriundos de uma tradição naturalista, como no caso da herança do *trompe l'oeil*. Diferentemente dos artistas gregos Parrásios e Zêuxis, que no século 5 a.C. disputavam entre si para produzir o mais virtuoso dos realismos, a mimese que se consolidou na última década da produção de Efrain Almeida reproduz as aparências não para comprovar sua excelência representacional diante da realidade existente, senão, ao contrário, para enfeitiçá-la por meio de seus próprios termos, imagens e regimes de visibilidade.

1 Tomo de empréstimo o uso do termo “arte branco-brasileira”, tal como proposto pela pesquisadora Lorraine Mendes.

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida

É o que acontece com a escultura *Cabeça Transe Lágrimas de Nossa Senhora* (2020), quando o artista forja, uma a uma, as contas de um colar de sementes de tradição indígena, esculpindo-as em madeira para, depois, fundi-las em metal e pintá-las individualmente. Ao fazê-lo, a Almeida não interessa produzir uma convergência entre modelos de representação euroetnocêntricos e não brancos, mas exercitar a transmutação das formas. Intenção que, nesta escultura, também se realiza quando o tradicional rosário de contas de Lágrimas de Nossa Senhora – um importante símbolo da fé como resistência e solidariedade negras – se transforma em uma espécie de *piercing* que circunda o autorretrato do próprio artista, protegendo-o.

Nesses termos, esculpir um beija-flor em umburana para posteriormente fundi-lo em bronze pode ser visto como uma estratégia política para fazer perdurar, no âmbito dos acervos e da própria história da arte, este objeto cuja materialidade original, como a de um pequeno graveto, poderia ser destruída como o foram tantos de seus ancestrais, tanto as gentes quanto as coisas. Metáfora, mantendo todavia a memória gestual de sua talha original em madeira, é uma forma de garantir sua sobrevivência diante da necropolítica.

Ademais, pintá-lo com extrema acurácia e delicadeza – emulando, pela cor, o fenômeno da iridescência que reforça a sensação de movimento do pequeno pássaro – é produzir um objeto cujo aterrador encanto salvaguarda sua passabilidade face às barreiras raciais, estéticas e cronopolíticas que seguem se impondo aos corpos não brancos.

Passabilidade agora não mais voltada apenas a entrar no mundo da arte, mas, fundamentalmente, a nele permanecer para além do tempo de uma só vida. Trata-se do exercício, no âmbito do museu e do agora, dos aprendizados sussurrados nas salas dos milagres aos ouvidos que podem efetivamente compreendê-los.

Se as instalações e esculturas de Efrain Almeida transpiram a sensação de que estão na iminência de mover-se, com pássaros prestes a alçar voo em nossa direção ou para bem longe de nós, talvez o façam por serem outras das moradas do vórtice espaço-temporal que se pode testemunhar numa sala que, situada nos fundos de uma igreja colonial, faz permanecer – na forma de ex-votos, memórias e vozes – a presença e o legado daqueles que adoeceram de Brasil. No território de sua votiva obra, tudo parece estar prestes a se mexer porque, efetivamente, tudo está em movimento, principalmente o encantamento que suas esculturas, pinturas e instalações fazem perdurar.

A obra recente que este livro reúne oferece-nos um testemunho de como, talvez para proteger seus segredos, na última década, a obra de Efrain Almeida tem se camuflado justamente por entre categorias miméticas. Não à toa, num mundo de hipervisibilidade e crescentemente mediado pelas imagens digitais,

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Clarissa Diniz
Efrain Almeida

as fotografias que hoje ocupam grande parte das paredes das salas de milagres do país tenham se tornado também um paradigma para os esquemas gráficos e imagéticos de suas aquarelas, nas quais igualmente têm aparecido as cores *neon* das fitinhas votivas cujo uso indica a existência de um desejo em curso.

Como numa esquivia, ao parecer familiar aos nossos olhos, o naturalismo performado pelos trabalhos de Almeida dissimula seu crítico estranhamento. Ao parecer serem o que não são – seja porque o bronze parece madeira ou porque o bordado de um inseto parece o bicho em si –, por entre camuflagens e mimesis diversas, os trabalhos de Efrain cotidianamente exercitam a transmutação e a passabilidade: estratégias poéticas, políticas e estéticas que se entrecruzam para seguir vibrando e agindo na forma de fé e de desejo.

Tudo está em permanente ação votiva na obra de Efrain Almeida. Tudo demanda, jura, agradece, permanece. Este livro é, por isso, também um voto.

Como quem adentra uma sala dos milagres, você, leitor, se torna agora parte desta passagem. Cúmplice da graça a ser alcançada e, principalmente, perdurada.

Clarissa Diniz